O micro e o macro das igrejas evangélicas em *Mulher de Pouca Fé*, de Simone Campos

The micro and macro aspects of evangelical churches in Mulher de Pouca Fé, by Simone Campos

Eduarda Cunha Gazen Manzke
ORCiD: https://orcid.org/0000-0003-0063-8138
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5643041179005773
DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2026.246914
URL do artigo: http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/246914
Recebido em: 23/03/2026. Aceito em: 18/08/2026.
Editores responsáveis: Bruna Coradini, Ana Saggese.

Opiniães – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira
São Paulo, SP, n. 28, jan./jun., 2026. eISSN: 2525-8133
Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Website: http://www.revistas.usp.br/opiniaes. Contato: opiniaes@usp.br
fb.com/opiniaes @revista.opiniaes A https://usp-br.academia.edu/opiniaes

Como citar (ABNT)

MANKZE, Eduarda Cunha Gazen. O micro e o macro das igrejas evangélicas em *Mulher de Pouca Fé*, de Simone Campos. *Opiniães*, São Paulo, SP, n. 28, jan./jun., 2026, p. XX-XX. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2026.246914 . Disponível em: http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/246914 . Acesso em: XX mês. 20XX.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)
Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A revista *Opiniães* não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

o micro e o macro das igrejas evangélicas em *mulher de pouca fé*, de simone campos

The micro and macro aspects of evangelical churches in Mulher de Pouca Fé, by Simone Campos

DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2026.XXXXXX

Eduarda Cunha Gazen Manzke[1]
Graduada em Letras - Português e literaturas de língua portuguesa.
https://orcid.org/0000-0003-0063-8138
http://lattes.cnpq.br/5643041179005773
eduardamanzke.aluno@unipampa.edu.br

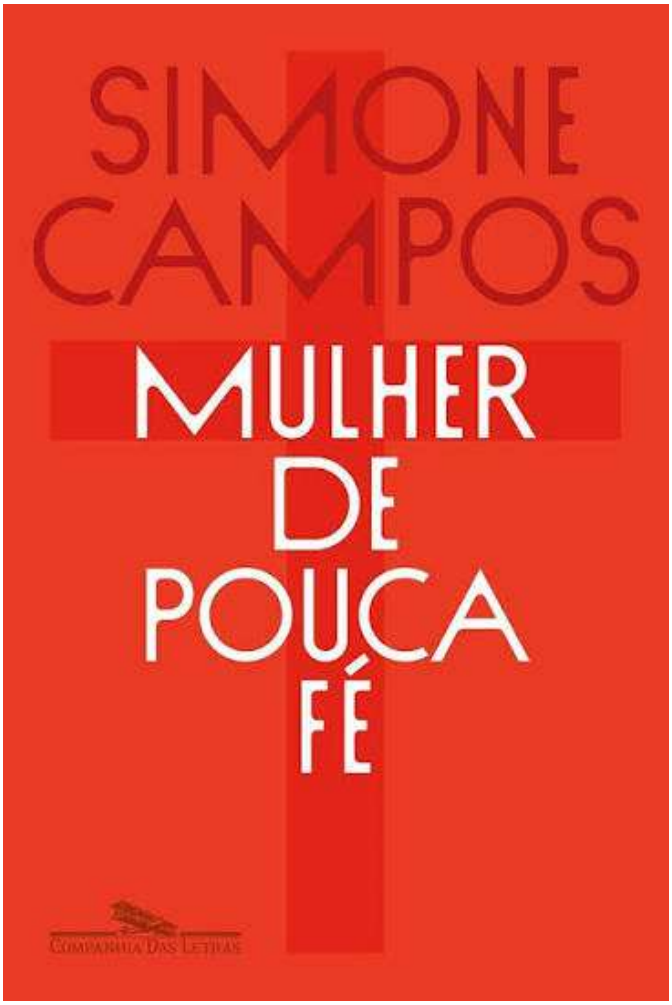
[1] Eduarda Cunha Gazen Mankze é graduada em Letras - Português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. Técnica em Informática pelo IFSul Bagé.

Resumo
Resenha do romance *Mulher de Pouca Fé*, de Simone Campos.

Palavras-chave
Fé. Identidade. Feminilidade.

Abstract
Review of the novel *Mulher de Pouca Fé,* by Simone Campos.

Keywords
Faith. Identity. Femininity.



Mulher de pouca fé, de Simone Campos, Companhia das Letras, 2025. 240 p.

As igrejas neopentecostais tornaram-se, nas últimas décadas, cartas marcadas na sociedade brasileira. É difícil tentar explicar qualquer fenômeno recente no país, principalmente em relação à política, sem esbarrar na influência dos pastores e das mega-congregações. Nesse cenário, a obra *Mulher de Pouca Fé*, de Simone Campos, publicada em 2025, nos oferece um relato sincero e bem pensado de como foi crescer em uma igreja evangélica na década de 90, um tempo em que essas instituições ainda buscavam se afirmar.

Mulher de Pouca Fé é o sétimo romance de Simone Campos, que teve sua estreia literária em 2000 com a obra *No shopping*. A autora, formada em jornalismo e produção editoral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, também trabalhou como tradutora e editora literária de obras como *Os testamentos*, de Margaret Atwood. Na ficção, Campos explorou uma série de diferentes gêneros e formatos, entre romances, contos, obras de ficção científicas e livros-jogos. Em *Mulher de Pouca Fé*, a autora se propõe a construir um romance de formação autoficcional que explora as vivências de uma jovem carioca, também identificada pelo nome "Simone", que se converte à igreja evangélica nos anos 90.

O romance é dividido em três partes: "Entrando no templo", que descreve a infância da personagem e sua entrada na igreja evangélica, "Adolescência", a mais longa

das sessões, que trata dos anos formativos de adolescência de Simone até o momento em que ela decide deixar a igreja e "Depois do fim", que acompanha a jovem até o começo da vida adulta. Além das questões em torno da religião, Campos discute na obra a experiência de crescer como uma menina autista sem diagnóstico, que só veio muito mais tarde em sua vida, assim como a descoberta da bissexualidade.

Logo no primeiro capítulo, curiosamente intitulado "A herege da escolinha", Campos declara: "As pessoas sempre me perguntam por que deixei de ser evangélica, mas ninguém nunca me perguntou por que deixei de ser católica" (Campos, 2025, p. 11). Com isso, a autora lança as perguntas implícitas que acompanham a narrativa: o que atrai as pessoas para as igrejas neopentecostais? E o que as mantém nelas? Longe de ter a intenção de apresentar respostas definitivas ou de elaborar um estudo socioantropológico, Campos descreve sua trajetória pessoal na igreja e aquilo que testemunhou, ao mesmo tempo que leva o leitor por uma trajetória cronológica do avanço das igrejas neopentecostais no Brasil, com uma linguagem que alterna momentos engraçados, sinceros ou irônicos e passagens que tendem ao descritivo ou ao informativo.

Assim, Campos nos apresenta à igreja evangélica como um espaço que oferece uma série de regras bem estabelecidas e, ao menos superficialmente, racionais e objetivas. Aos sete anos, aquilo tudo lhe pareceu extremamente atraente. Por influência do pai, que foi introduzido à fé evangélica pela madrasta, ela passou a frequentar uma igreja que, na obra, é denominada de Aliança Renovada Casa de Abraão, ou simplesmente Arca. A Arca e seus conceitos fizeram muito mais sentido para Simone, essa versão ficcionalizada e homônima da autora, do que as ideias do catolicismo que eram apresentadas a ela pela avó materna. Mais do que isso, para uma criança constantemente em busca de estrutura, respostas e direcionamento, que sofria na escola com o *bullying* dos colegas e com o sentimento de incompreensão geral (sem saber ainda quanto disso estava relacionado a sua neurodivergência), a Arca veio a suprir todos esses espaços. No capítulo "O poder da palavra", a autora reflete:

> Orando no microfone de olhos fechados, o pastor declamava: "Você, que sente que não se encaixa em nenhum lugar. Você, que se sente sozinho na multidão; no trabalho, na escola. você até pode andar com um grupo, mas está sempre deslocado. Você, que sabe que as pessoas fazem intrigas e comentários maldosos pelas suas costas! Você, que vive pra baixo, aflito, cheio de maus pensamentos… É, você mesmo! Jesus está falando com você! Deixe Jesus tocar o seu coração. Ele é o verdadeiro amigo".
>
> Pregações como essa eram comuns. Eu pensava: como é que pode? Me encaixo direitinho no que o pastor está falando. É uma sensação reconfortante ouvir alguém que sabe o que você está passando. Se sentir compreendida. Se sentir acolhida. Então, você acredita. Acredita naquele discurso direcionado às massas, na linguagem da publicidade, no orador se comunicando em segunda pessoa com cada espectador e usando pausas e palavrinhas matreiras para segurar a atenção. Você acredita que Deus, Jesus e o Espírito Santo estão falando pela boca daquele homem de terno. E continua na Igreja (Campos, 2025, p. 38).

O que esse trecho, assim como outras passagens da narrativa, estabelece, é a grande capacidade das igrejas de gerar identificação e o sentimento de pertencimento, enquanto nos lembra que essa capacidade não é acaso ou coincidência, mas um projeto. Esse projeto faz parte de um objetivo maior, voltado à expansão da igreja, algo que está integrado à doutrina. Por outro lado, para quem frequenta a igreja, o sentimento é o de pertencer à uma comunidade, de se sentir compreendido e não necessariamente o de ser

mais um contribuinte aos números da congregação. É apenas com a distância temporal que Campos estabelece entre si mesma e os acontecimentos relatados que ela pode oferecer essa percepção.

Ainda, a autora nos lembra que, no início dos anos 90, tanto o Brasil quanto as igrejas pentecostais e neopentecostais eram muito diferentes. Com uma democracia recém-estabelecida que ainda vacilava e a hiperinflação assolando a economia, havia o sentimento de muita incerteza entre a população. Grandes congregações evangélicas como a que Campos fez parte, ainda que cercadas de muita desconfiança e envolvidas em polêmicas, cresceram justamente ao oferecer aquilo que as pessoas mais procuravam: conforto espiritual, promessas de salvação, comunidade e autoestima. Campos descreve a venda e distribuição de óleos e objetos ungidos destinados a proteção dos fiéis e de suas famílias, a cobrança de dízimo (prática pela qual a muitas igrejas evangélicas são criticadas), as vigílias e os jejuns, os grandes eventos de música gospel ao vivo e as várias estratégias utilizadas pelas congregações para atrair cada vez mais fiéis. A fictícia "Arca", assim como as igrejas evangélicas reais, estava em ampla expansão, aumentando o número de filiais e membros a cada ano. E a exigência feita aos seguidores, em troca da salvação, era, entre outras coisas, dedicação e obediência. Como avalia a autora:

> Outra questão era que, na terra arrasada pós-hiperinflação, o complexo de vira-lata do brasileiro andava batendo na estratosfera. Boa parte do trabalho da Arca visava levantar o moral do seu fiel: "Você tem valor: o Espírito Santo se move em você", dizia a letra de um dos hinos mais cantados. Essa recém-adquirida autoestima era atrelada à constância e ao envolvimento da pessoa na casa de Deus, ou seja, na Igreja. Deus havia te salvado do álcool e das drogas, da infelicidade, da solidão, da "macumbaria", do "homossexualismo". Quando o Ser que te deu tanta coisa te pede algo em troca — presença, dinheiro, trabalho —, você não pode ser ingrato e negar. Até porque, se o fizesse, perderia tudo o que tinha sido conquistado num estalar de dedos (Campos, 2025, p. 25).

Ou seja, existe uma ideia de que os benefícios que a igreja oferece (ou, de outro ângulo, que a *fé* oferece) são condicionados a certos comportamentos do fiel. Do meio para o final da narrativa, a autora reflete que essa lógica da Arca, a mesma que tinha parecido tão atraente para ela quando criança, tornou-se insatisfatória com o passar dos anos. Mesmo porque, depois de uma década na igreja, muito havia mudado, o país, a congregação e a própria Simone. As regras que antes ofereciam estrutura passaram a ser limitações. Mas acima de tudo, os ideais que a Arca promovia, de casamento tradicionais, dos papéis de gênero, além de uma ideia de crescimento e prosperidade exponenciais tornaram a experiência de estar na igreja cansativa e desagradável. No trecho abaixo, a autora discorre sobre o ideal de vida promovido pela Arca:

> O ramo particular — neopentecostal — da Arca não era tão voltado para o pós-vida assim. E não era tão ascético. Voltava-se para um modelo de felicidade terrena que incluía uma família nuclear heterossexual com filhos, uma esposa submissa ao marido, mas com sucesso profissional, e muita prosperidade financeira, além do inescrutável "sucesso espiritual". Era uma religião baseada em ter mais do que os outros e que chegava a ser competitiva, inclusive entre os fiéis da Igreja. Afinal, se o irmão ficasse mais próspero, você teria que correr para acompanhá-lo, demonstrando também ter a bênção divina sobre sua vida. Só de pensar nisso, eu já me exauria (Campos, 2025, p. 181).

A autora atenta não apenas para a forma como a igreja a fazia sentir, mas também qual era a lógica de pensamento que estava envolvida nas práticas da congregação. Ou seja, seu relato é capaz de apreender tanto o que é particular a respeito de seu tempo na Arca (suas impressões pessoais, percepções e sentimentos) quanto um fato maior a respeito de como se organiza o pensamento evangélico naquela igreja. Em certo sentido, isso faz com que o leitor esteja sempre atento ao tema maior da obra e a reflexão que está sendo proposta, ao mesmo tempo em que mergulha no particular das coisas e se envolve com a narrativa pessoal de Simone. Ainda, é importante notar que a crítica feita por Campos às igrejas evangélicas é aberta e sincera, mas não argumentativa. Ela não se propõe a convencer o leitor sobre esta ou aquela visão a respeito do tema.

Campos também discute na narrativa outras questões que foram importantes em sua vida durante aqueles anos formativos, e a relação desses temas com a religião. O machismo, por exemplo, é uma constante na obra que acompanha os acontecimentos da obra. Muito do que incomodava a autora na igreja estava relacionado ao papel que é destinado às mulheres, voltado principalmente à ideia de submissão ao homem, uma ideia que nunca agradou ou fez parte dos planos de Simone para si mesma. Outra importante questão que a narrativa levanta é com relação ao diagnóstico tardio de autismo em mulheres. Ainda que Simone sempre tenha sentido que havia algo de diferente nela em relação às outras pessoas, a possibilidade de ser autista só apareceu aos 37 anos, a partir de pesquisas e reflexões pessoais, algo que é comum à muitas mulheres autistas, e reflete justamente a falta de pesquisas sobre autismo em mulheres. Para a autora, a falta de diagnóstico ou de direção representava não apenas incompreensão, mas também uma questão maior de saúde mental. No capítulo “Todo mundo louco”, ela descreve a visita feita com a igreja a um hospital psiquiátrico:

> No fundo, tive um pouco de medo de um dia também eu acabar parando ali — medo daquela exclusão violenta da sociedade, já que eu me encaixava tão mal na escola e, pensando bem, em qualquer lugar. Eu podia não saber, ainda, que era autista, mas sabia que minha mente não funcionava como a dos outros; por isso me escondia o tempo todo atrás de uma máscara elaborada cuja manutenção drenava as minhas forças e minha saúde mental, apesar de me proteger um pouco das implicâncias e perseguições que eu sofria. Em casa, quando ninguém estava olhando, eu aliviava a dor fazendo pequenos buracos na minha pele ou imergindo em algum mundo imaginário complexo de algum livro, seriado ou jogo eletrônico (Campos, 2025, p. 130).

Assim como tantas outras pessoas com experiências similares a dela, Simone temia a brutalidade da exclusão social. Também por isso a igreja tem uma função tão importante, afinal, estar na igreja tinha a ver com pertencer a algum lugar. Além disso, Campos fala da importância que a literatura, os videogames e a música tiveram em sua vida. Seus interesses, considerados pouco usuais pelas pessoas à sua volta, foram fundamentais para seu desenvolvimento. Com isso, a autora vai remontando, na narrativa, o rico universo da sua vida durante os anos de formação.

É importante ainda pontuar que, por mais que a obra contenha muitos aspectos positivos, há algo que se perde no seu todo, principalmente em relação aos aspectos literários. O mesmo afastamento temporal entre a narradora e os fatos narrados que torna possível uma reflexão maior em torno dos temas trabalhados também faz com que a imersão nos acontecimentos seja menor. Nós, leitores, não vivemos as experiências junto com Simone, mas acompanhamos a percepção mais distanciada e madura dela sobre as

experiências. A linguagem por vezes se aproxima de um tom informativo ou descritivo, em especial quando trata do funcionamento ou traz "dados" sobre a Arca, que, ainda que seja uma congregação fictícia, é baseada em uma verdadeira. O efeito causado é o de uma narrativa que se aproxima mais de um relato de memória do que de um romance ficcional. Nesse sentido, há uma discussão maior a ser trabalhada em torno da ideia de "autoficção". Partes da obra de Campos funcionariam muito bem enquanto artigo jornalístico, mas parecem deslocadas em uma ficção. Por outro lado, *Mulher de Pouca Fé* cumpre todos os requisitos de um romance conforme nós o entendemos (ou seja, grosso modo, tem personagens, uma narradora, um espaço/ambiente, um tempo, um enredo, um clímax, um desfecho…). Assim, talvez seja importante para o leitor da obra se aproximar do texto considerando o hibridismo de linguagens e gêneros que ele engloba, e que tem muito a ver tanto com o estilo da autora quanto com a natureza dos romances contemporâneos.

Por fim, *Mulher de Pouca Fé* é, sem dúvidas, uma obra necessária pela importância dos temas que discute e pela sensibilidade e sinceridade do relato proposto. A obra pode ser aproveitada tanto pela leitora que precisa dela, e que vai encontrar identificação e compreensão, quanto pelos leitores que, completamente distantes do universo da narrativa, vão encontrar nela aprendizado e empatia.